

Insurreição Comunista de 1935

Homenagem a Francisco Guilherme de Souza, Francisco Meneleu dos Santos e Glicério Sátiro de Lucena

Por iniciativa do vereador George Câmara (PCdoB-Natal), no dia 23 de novembro a capital do Rio Grande do Norte foi palco de uma homenagem aos 66 anos da Insurreição Nacional Libertadora de 1935. Foram entregues títulos de cidadão natalense a três protagonistas desse fato: Francisco Guilherme de Souza, Francisco Meneleu dos Santos e Glicério Sátiro de Lucena (in memoriam).

Com essa atividade, o vereador George busca resgatar a outra versão da história de 1935, repleta de utopias e verdades que, contando com a contestação à ordem e ousadia dos insurretos do povo, ajudou a canalizar a luta do Partido Comunista do Brasil. Segundo ele, o movimento é motivo "para se orgulhar". Justificando seu posicionamento, ele esclareceu que, longe de ser uma "intentona" – como é conhecida até hoje – a insurreição foi um movimento forte, que teve erros e acertos.

Rememorando os fatos

Entre 23 e 27 de novembro de 1935, o Rio Grande do Norte foi o único Estado onde os insurretos efetivamente tomaram o poder, uma vez que as tentativas no Rio de Janeiro (capital do país na ocasião) e em Recife resultaram infrutíferas. Era marcante a insatisfação com a situação econômico-social e com os rumos tomados pela revolução de 1930, principalmente nas baixas patentes das Forças Armadas. Getúlio Vargas era o governante. O nazi-fascismo ganhava adeptos em todos os cantos do país.

A revolta deveria eclodir de forma sintonizada, num único movimento. No entanto, em Natal houve precipitação. Comandado e executado por militares do Exército ligados ao Partido Comunista, com a colaboração e participação efetiva de civis – operários, funcionários públicos, estivadores, sapateiros etc. – , o levante ocorreu num sábado, pouco antes das 20 horas, quando um grupo de cabos, sargentos e militantes tomou o 21º Batalhão de Caçadores (atual Escola Estadual Winston Churchill), fez vários prisioneiros na cidade, entre eles o chefe de Polícia João Medeiros e proclamou a constituição de um Governo Popular Provisório.

O movimento teve bastante apoio popular. Não houve cenas de banditismo. As liberdades democráticas foram respeitadas, sem arbitrariedades ou coações. Mesmo os fascistas de Natal não sofreram nenhuma represália durante a revolta.

A principal ação militar foi a conquista do Quartel da Polícia Militar, que ficou sitiado sob fogo cruzado por quase 24 horas. As forças revolucionárias estavam em maior número e necessitavam somente subir até o quartel para recarregar as armas e voltar à luta. Nesse momento, entretanto, sofreram resistência de alguns membros do Batalhão, dentre os quais houve um ferido, alguns presos e muitos fugiram.

Os insurretos ocuparam o palácio residencial do governador até que receberam a notícia de que tropas de Recife e João Pessoa estavam chegando para reprimir o movimento. Mais de mil potiguares foram indiciados, processados e (alguns) condenados pelo Tribunal de Segurança Nacional. O principal líder foi o sargento Quintino Clementino de Barros, que assumiu a responsabilidade do movimento perante o Tribunal.

O movimento revolucionário de 1935 entusiasmou as massas. Apesar da sua curta duração, o governo abaixou os preços das passagens dos bondes e do pão; decretou a reforma agrária; distribuiu víveres em todos os cantos da cidade; nas feiras, prendeu os cobradores de impostos e editou o jornal A Liberdade, uma única vez, no dia 27 de novembro de 1935. Ele foi impresso na gráfica de A República, o veículo oficial do governo.

Os homenageados

Francisco Guilherme de Souza nasceu em 1910 e foi membro do Sindicato do Garrancho e do Partido Comunista. Preso e sentenciado após o levante de 35, cumpriu dois anos de trabalhos forçados. Por ocasião da anistia, voltou à diretoria do Sindicato do Garrancho.

Francisco Meneleu dos Santos, nascido em 1917, era tipógrafo. Foi responsável pela confecção de A Liberdade – jornal que divulgou o ideário do Levante de 35. Tal participação lhe custou seis anos de prisão.

Glicério Sátiro de Lucena viveu de 1920 a 2001. Era soldado do Exército e participou ativamente do movimento sedicioso em Natal e no interior. Cumpriu dois anos de prisão.



www.dhnet.org.br